

**TANTAS VOZES NA EXISTÊNCIA DO POETA:  
DIZERES FILOSÓFICOS NA/DA POESIA DE WILBETT OLIVEIRA**

*Joelson Pereira de Sousa<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia e Teologia (USJT, RJ).  
E-mail:joelson.filosofia@yahoo.com.br

SOUSA, Joelson Pereira de. Tantas vozes na existência do poeta: dizeres filosóficos na/da poesia de Wilbett Oliveira. *Revista Mosaicum*, Teixeira de Freitas, Núcleo de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão da Fasb, n. 8, ago./dez. 2008, p. 121-130. ISSN 1808-589X.

**Resumo:** Analisa os pressupostos filosóficos na/da poesia de Wilbett Oliveira, demonstrando o pensamento de importantes filósofos como Nietzsche, Sartre e as formas de (des) construção da palavra para se chegar à transcendente, ao não-dito.

**Palavras-chave:** poesia, filosofia, Wilbett Oliveira.

**Abstract:** Examines the philosophical assumptions in poetry of Wilbett Oliveira, demonstrating the important thought of philosophers as Nietzsche, Sartre and the forms of (de) construction of the word to reach the transcendent, the non-said.

**Keywords:** poetry, philosophy, Wilbett Oliveira.

*Ensaio recebido e aprovado em outubro de 2008.*

## Prolegômenos

O objetivo deste ensaio é analisar os pressupostos filosóficos na/da poética do poeta mineiro Wilbett Oliveira. Dessa forma, procuraremos estabelecer uma interface entre literatura e filosofia.

Para entender melhor a poética wilbettiana, faremos uma apresentação concisa de suas obras, bem como das análises literárias elaboradas por alguns estudiosos.

Nosso objeto de estudo consiste, basicamente, nos livros mais recentes do poeta, quais sejam: *Nominal* (2003) *Partes* (2003), *Garimpo e Outros Poemas* (2005) e *Sêmen* (2008), por demarcarem a construção de um estilo próprio, sem uma apologia aos aspectos puramente metalinguísticos ou derramentos confessionais, como diria o próprio autor.

Em *Nominal*, observa-se que o nosso poeta

utiliza uma forma de escrever contemporânea, que absorve todas as (quase todas) formas, pois são infinitas prováveis *brincadeiras* que podemos fazer com o tom, o som e o(s) sentido(s) das letras, palavras e metáforas, num misto de modernidade que usa sempre a *cabeça* - e que tem conteúdo para passar adiante uma idéia sempre a deixar alguma conclusão ao leitor (MORA, 2003, p. 7 - Grifos da autora).

Fica bem evidente que o domínio da palavra - da *técne* - não é mais o embate travado pelo nosso poeta nos livros anteriores. O delineamento do seu estilo como fisionomia do espírito (SCHOPENHAUER, 2005, p. 72) vai se materializando livro após livro.

Em *Sêmen* - seu livro mais recente - percebe-se fortemente a intratextualidade com os livros anteriores, ao que o nosso autor chama revisitação, desconstrução ou palinódia.

No dizer de Ester Abreu Vieira de Oliveira, poeta e professora do Mestrado em Estudos Literários da UFES, em *Sêmen* “germinam palavras em uma visão e estilo próprios desse poeta, que vimos em *Garimpo e outros poemas*”. E mais adiante afirma que “[...] para entreluzir conceitos abstratos, Wilbett dispõe as palavras poéticas de uma maneira singular seja para falar de seu fazer poético” (OLIVEIRA, 2008, p. 9).

Ainda sobre este livro, Oliveira (2008) finaliza dizendo que Wilbett

fez um canto de intermináveis desejos que, quixotesicamente, guardam fantasias, sonhos, em um mundo “[...] vasto / pra ter sentido de uma janela (p. 78) e “ir à deriva das coisas” (p. 15), poemas, aparentemente, caóticos pela liberdade das imagens, governados por uma forte estrutura dupla de ordem e limitação argumentativa - “guardar fantasias no alforje / quixote sem sancho / sem chances” (p. 12) -, que (des)lemos com prazer.

A desleitura, nesse caso, se dá justamente pela dimensão filosófico-existencial presente nos poemas.

Segundo a jornalista e escritora carioca (e também poeta) Maria Eli de Queiroz, em *Partes* vemos que a poesia metafísica de Wilbett

brinca-esconde na profundidade de conceitos espalhados em versos brancos, cuja sintonia entreabre os nossos lábios em seguidas exclamações de admiração pela beleza do todo. A transcendência do que é dito aflora a cada instante da leitura, e em nuances de provocação, incita o leitor a participar da essência da poesia - o que a torna um infinito deleite de reflexões. Assim, caminhar pelas veredas de seus versos é caminhar por sobre a *filosofia* mais pura e mais moderna - tão admirável e tão simplesmente tecida com palavras da atualidade, por vezes com requintes de (re) criação do vocabulário (QUEIROZ, 2003, p. 5 - Grifo nosso).

Pode-se então estabelecer uma interface entre a literatura e a filosofia presente na poesia de Wilbett, objeto de nosso estudo. Sobre o processo de composição poética, o poeta afirma que ao escrever lida com o impossível, com o impassível; como se quisesse escrever uma poesia inefável, que as palavras não pudessem expressar.

Destituo-me de tudo se escrevo. “Escrever é uma forma de lutar contra o inatingível”, diria Cortázar. Escrever é fincar palavras no vazio, o verbo criador, o nome inefável, a palavra secreta, sagrada, palavra-luz, palavra-revelação, formas que *reduzem ao mínimo* o discurso poético sem abolir o verso (OLIVEIRA, 2007 - Grifos nossos).

Redução que chega ao silêncio (in)significante na/da poesia, como se percebe nestes versos:

pausar o silêncio  
na página em branco  
pontos no branco da página:  
ponto de partida

O ponto de partida então para escrever é o próprio silêncio na página, pois o verbo continua sendo a forma de se chegar ao demiúrgico. Sobre

## *Sêmen*, o poeta disse que

Sêmen é o que fertiliza por dentro, no escuro, no vazio. O vazio é o não-dito, é o não-dizendo, o que há por dizer, que se revela depois que se diz. Minha poética funda-se na sintaxe suspensa inspirada na desconstrução, na desordem fértil das cousas. Palinódia, palingenética. O que me guia é o deslocamento da palavra do seu corpo sintático para recompor outro sentido, não-dito, no momento mesmo que a noção de ausência de significado instaura um sentido novo (OLIVEIRA, 2007).

## Nas teias filosóficas da poesia wilbettiana

O poeta não é um fingidor. O antagonismo ante o verso clássico de Pessoa, além de provocar uma medida razoável de juízos e possíveis interpretações, permite a tentativa de um discurso às avessas, característica que acompanha o fazer poético de Wilbett em obras como *Nominal*, *Partes*, *Garimpo e Outros Poemas* e *Sêmen*.<sup>1</sup>

É uma fala que acontece sem a permissão da palavra por puro deleite da subversão, como se o ato simples de escrevê-la a fizesse maculada, violada, desposada de sua posição virginal. Não há mais ingenuidade ou qualquer forma de inocência nessa poesia. A poesia de Wilbett é uma poesia que transpassou o poeta, que o feriu, que o fez sangrar. São palavras que insurgem do inevitável.

Assim, a poesia corresponde ao que não se pode deter de fúria, de angústia, de desespero no espírito do homem. O poema *Calar-se* reflete esse sentimento:

é preferível não dizer nada  
que urdir a trama

é preferível não sentir nada  
que fingir o drama

a levar a vida  
como aranha tecendo fios  
em cusparada na captura  
de um indefeso inseto  
(G, 55)

---

Usaremos a seguinte abreviação para os títulos: S = Sêmen, GOP = Garimpo e Outros Poemas, P = Partes, N = Nominal a partir desta página.

Não há dissimulação no/do poema, “é preferível não dizer nada”, caso o fosse esse seria o arquétipo da poesia de Wilbrett (“não dizer nada”), pois a poesia inflige o sentimento de torpor ao poeta quando o permite experimentar a trágica condição de insuficiência humana .

Revisitamos nesse poeta a mesma náusea sartreana, que se revela na mais pujante constatação de sermos algo entre o vazio e a realidade. De modo que, “como aranha tecendo fios”, insurge o mais temível dos sortilégios da escrita: a palavra que ofende também afaga. Posto que essa mesma poesia que o desespera também o redime, é ela que lhe serve de expiação pelos dramas vividos, pela crueza dessa selvagem relação que obriga o poeta a sair como que “em cusparada na captura de um indefeso inseto”. A poesia é a fuga do poeta de si mesmo, o movimento de ir para fora, sair de si como única possibilidade de sua autêntica existência. É a marca da inspiração heideggeriana que o acompanha, a angústia de ser ao mesmo tempo ser-sem-mundo-no-mundo-com-os-outros-mundos (ser-no-mundo e ser-com-os-outros), pois

O homem é aquele ente que se interroga sobre o sentido do ser. O homem não pode se reduzir a simples objeto, isto é, a simples estar-presente. O modo de ser do homem é a existência. A experiência é poder-ser. Mas poder ser quer dizer projetar. Por isso, a existência é essencialmente transcendência, identificada por Heidegger com a superação (REALE; ANTISERI, 1991, p. 585-6).

A superação do poeta é a sua obra que o ultrapassa infinitamente. A transcendência de Oliveira é a sua própria poesia que o faz “implodir-se em versos”, realizando o necessário desaparecimento do homem e anunciando o surgimento do artista. A sua poesia é ressurreição, pois é preciso

desenraizar-se das próprias raízes  
entranhas semelhantes  
que se fecundam

exaurir-se por escrever  
implodir-se em versos  
enquanto forças houver  
mesmo que se reduza  
a um só canto  
e preencha o quanto.

(S, p. 18)

A poesia aparece em seus escritos como o limite entre o animal e o homem e entre o homem e os deuses. É o fazer que procura pela totalidade da natureza humana presente naquilo que temos de animais “tecer e espalhar sêmen”, de homens “terçar salmos”, “semear colar de contas” e de deuses, “decantar o tempo”, “espiral de silêncio”, “banquetes de signos” (Sêmen, p.

11). Esse feixe de dimensões que realiza a existência humana é o que há de definitivamente natural em seu ser, especialmente como possibilidade de sentir-se multidimensional e ao mesmo tempo viver essas multidimensões sincrônica e simultaneamente.

A poesia wilbettiana persegue um tipo de *poiesis*, ou seja, de autocriação, de autofazimento, como no dizer de Octaviano Paz, se efetive a forma natural de convivência entre os homens. Por isso, em *Sêmen*, sua obra mais recente, a palavra surge em seu mais alto labor, em sua alquimia mais profunda, quase que revelando sua própria essência de tentativa e metáfora.

misturar palavras  
para que o tempo se faça  
  
perseguir o que fica atrás  
do pensamento  
e sugar o seio da impossibilidade  
(S, p. 50)

A poesia assume suas vicissitudes sem dissimulações, porque de qualquer maneira que se pense “misturamos palavras”, e todo discurso parece agora apenas um jogo, um jogo de palavras bem ou mal arrumadas. Por essa razão é que a poesia de Wilbett deve “perseguir o que fica atrás do pensamento” e fazer da palavra a superação da própria palavra “e sugar o seio da impossibilidade”. Só então se pode alcançar alguma idéia de sublimação, no exato momento em que a palavra coincide com a insuficiência em poder dizer, e descobre-se silenciosamente à espreita, no pulsar ritmado de um coração, que é a morada do espírito poético. Somente a poesia o faria sentir as vociferações do “incerto” que iluminam as palavras, como em “Diluição”:

um incerto paira em mim  
naquilo que mais espero  
  
um inserto pausa em mim  
naquilo que mais revelo  
  
um inverno passa em mim  
naquilo que mais deserto  
(P, p. 25)

Essa transcendência poética presente nos versos deste poeta é a única cura para o “patos” de existir poeticamente. A melhor maneira de superar é enfrentar. Encontramos na escrita dele uma inspiração nietzschiana que o faz transformar o ato de escrever numa cura impassível, um modo sui generis de silenciar as muitas vozes que reverberam nas margens de uma vivência que não se permite outra experiência do mundo que não a poesia. Então, escreve com o próprio sangue, com a tinta do seu corpo, sua marca

essencial no mundo: “eu fiz da minha vontade de ser são, de viver, a minha filosofia” (NIETZSCHE, 2001, p. 29)

A poesia dilacera o poeta, assim como a filosofia era o modo de vida do filósofo. É ela (a poesia), a “minha vida verdadeira”, como dizia Manuel Bandeira, (A poesia) que destitui as palavras de seus sentidos ingênuos, que lança a exigência de harmonias lógicas da razão raciocinante no mais profundo abismo do abandono. É ela (Poesia) que provoca o sentimento de orfandade, já que não assina um dizer unívoco. Vertiginosamente as palavras cravam seus dardos envenenados que paralisam e silenciam o mundo. Ela é uma poesia que assombra, que arrebatada, que crucifica fazendo jorrar dos poros a existência em frangalhos, a miserabilidade nossa de cada dia, figurada numa desconstrução da realidade que opera a mais imprescindível atividade do intelecto: a dúvida.

Uma poesia desumanizada, sem vestígio do homem que não supera a si mesmo, um convite, um desejo, uma manifestação do fazer poético em melodias que embalam docilmente as feras que povoam o universo onírico. E tudo parece calmo e tranqüilo até que sintamos, na sinuosidade das curvas nos caminhos pelos quais nos conduzem a musa-poesia, calafrios que convulsionam a alma e dilaceram a carne. “Como eu suportaria o fato de ser homem, se não fosse também poeta, solucionador de enigmas e salvador da causalidade?” (NIETZSCHE, 2001, p.105). A voz de acalanto cede às expressões que afligem: solidão, angústia e medo. Ou somos também poetas ou estaremos fadados a uma existência demasiada sóbria, sem encantos, beleza e fruição.

Wilbett Oliveira, finalmente, anuncia com sua poesia uma consciência para a qual viver significa administrar mudanças, “quebrar a mó”, “mover-se para o ermo”, edificar um mundo, “o recôndito das cousas” “esconderijo de plantas”, tocar um projeto, “volver-se para dentro”. Transparece uma síntese lancinante da vida, um tipo indeterminado de ser que não se solidifica. Aquilo de passageiro que agita toda nova palavra, o incerto que vacila nos tempos da imaginação, o incriado que soluça por sua plena existência no ser do poeta.

quebrar a mó  
mover-se para o ermo  
o recôndito das cousas  
esconderijo de plantas  
volver-se para dentro,  
para o ventre  
fuga intestinal  
  
acolher-se em si mesmo  
ser o próprio ventre  
(GOP, p. 23)

Em Oliveira, vemos uma poesia em êxtase, uma poesia em pleno instante de exaltação. Como necessária a cada momento da existência, como imprescindível ao comunicar o próprio poeta, não em sentimen-talidades, mas na própria poesia, no ato primeiro dessa longa encenação e “chegar ao



criaçamento das palavras” “e descobrir os desvãos do ser”. (S, p. 51), pois “ao penetrar na intimidade da palavra, o poeta a torna “devassada, desvelada”

Sem mais, esperamos que “os leitores possam refazer a teia desfeita e encontrar o fio da meada na melodia e no ritmo desses poemas” (VASCONCELOS, 2005, p. 8), pois estamos

diante de um escritor que, mesmo quando parece estar apenas brincando de fazer poesia, permite que o leitor entreveja a sua intelectualidade transpassando a sua emoção expressa [...] que se revela como uma aula prática da escrita poética (FLEURY, 2008).

Então, a teia está posta. Ou melhor, exposta.

## Referências

CARVALHO, José Maurício. *O homem e a filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

FLEURY, Karina de Rezende Tavares. Entrelaçando palavras, entretecendo seres: análise do poema “Tear”, de Wilbett Oliveira. *Revista Eletrônica de Estudos Literários. REEL*. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, Vitória, a. 4, n. 4, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MORA, Eliana. Algumas palavras. In: OLIVEIRA, Wilbett Rodrigues de. *Nominal*. CBJE, 2003.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. Prefácio. In: OLIVEIRA, Wilbett Rodrigues de. *Sêmen*. CBJE, 2008.

OLIVEIRA, Wilbett Rodrigues de. Pressupostos da composição poética em Sêmen. *Debatepapo*. Universidade Federal do Espírito Santo. Dezembro, 2007.

\_\_\_\_\_. *Sêmen*. 2. ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2008.

\_\_\_\_\_. *Garimpo e outros poemas*. Teixeira de Freitas: Prosas e versos, 2005.

\_\_\_\_\_. *Partes*. São Paulo: Ieditora 2002.

\_\_\_\_\_. *Nominal*. Rio de Janeiro: CBJE, 2003.

QUEIROZ, Maria Eli de. Prefácio. In: OLIVEIRA, Wilbett Rodrigues de. *Partes*. São Paulo: Ieditora, 2002.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do romantismo até nossos dias*. VI. 3. São Paulo: Paulus, 1990.

VASCONCELOS, Margarida Maria Alacoque de. Prefácio. In: OLIVEIRA, Wilbett Rodrigues de. *Garimpo e outros poemas*. Teixeira de Freitas: Prosas e Versos, 2005.

